

gua, como em todos os demais idiomas, etymologias ha obscuras, incertas, vagas e de todo desconhecidas».

Difícilima de seguir, só para sabios, cachim-niosos e ranzinzas, tal ortografia se torna praticamente inexequível. Não ha mesmo quem a siga á risca, por mais provida que lhe seja a bagagem de etimos. E principalmente entre classicos se ha-de notar a adulteração que lhe foi comunicada, ao variar incessante de escritor para escritor.

Tomem-se alguns exemplos, com a significação actual dos vocabulos.

MEDEIROS DE ALBUQUERQUE, em recente discurso na Academia de Letras, perguntava :

—«Que é, etymologicamente falando um *rival*? Um sujeito, que móra ás margens de um rio. E como os moradores á margem dos mesmos rios tinham frequentemente muitas questões ficaram como o typo dos que disputam qualquer coisa. Mas que adianta hoje saber isso? Nada! E' curioso, é interessante, vale por uma noção semantica, que explica a transformação da palavra, mas que em nossos dias não me diz de modo algum como a devo applicar.

Que é etymologicamente falando, *Considerar*? *Considerar* é olhar para as estrellas. Velha noção dos tempos em que se procurava adivinhar o futuro mirando os astros.

Que é um *candidato*?

Está a etymologia a dizer : um sujeito vestido de branco, porque dantés, em Roma, os candidatos a cargos publicos iam para o «forum» assim vestidos.

Mas isso passou, desapareceu. Hoje, um preto, vestido de preto, pode ser candidato».

E assim por diante, num sem numero de casos, mercê da transformação operada através do tempo na grafia e até no sentido dos vocabulos.

Logo, a não ser *sabio*, engaiolado na sua torre de preconceitos etimologicos, a escrita ha de obedecer a outro criterio, para ser corrente, lida e entendida.

E' bem elucidativo o seguinte raciocinio de MARIO BARRETO:

«Por que escrever complicadamente *rhythmo* com dois agás e um ipsilon o que se pronuncia *ritmo*? O latim escrevia *rhythmus*, porque conservara na pronuncia o o espirito rude da consoante grega que se chama *rhó*, a aspiração da dental, e o som de *u* (*u* francês ou *u* alemão tremado, *ii*) do ipisilon. Tinha razão o latim, pois a sua grafia correspondia á sua pronuncia; mas não succede o mesmo com o português. *Philosophia*, *phrenético*, *rhythmo*, toda essa gregaria se fez português? Pois então apareçam entrados á portuguesa: *filosofia*, *frenético*, *ritmo*, e demos de mão a essas pretensões de etimologia, que a gente fala para expressar o seu pensamento, e não para fazer demonstrações etimologicas».

Com este poderíamos aduzir inumeraveis exemplos.

Fructo, ortografia barbara, com um *c* bem dispensavel.

Do latim *fructus* transitou *fruito*. E, como diz o mestre, deu-se a redução de *ui* a *u*, como em *enxuto* de *enxuito* (lat. *exsuctus*), *chuva* de *chuiua* (lat. *pluvia*), *intrudo* de *intruido*, *introido*, *introitu*.

E que seria, então de *noite* (*nocten*) *leite* (*lactem*) ; *direito* (*directum*) ; *feito* (*factum*) ; *oito* (*octo*) ?

Já se vê que nesse labirinto só se enredam os que mesmo desconhecem as leis que operam essas transmutações, quer na morfologia, quer na semântica.

Um mestre, universalmente acatado, BREAL, escrevendo da semântica, considera :

«Não poderíamos falar se quizessemos reduzir todas as palavras ao sentido exacto que tiveram».

E não só não falar, como também não escrever. CASTRO LOPES, que tão largo patrimonio carregou para o idioma, ajuntando-lhe neologismos indispensaveis, se exprimiu :

«Até agora tem-se orthographado a lingua portugueza erronea e contradictoriamente».

E com tais erronias e contradicções, ao pendor de cada escritor, para uma casa de Orates prestes entraria o que pretendesse erigir em modelo a orthografia dos classicos.

Ora, a Academia Sergipana de Letras, ao tomar o compromisso de acatar a orthografia da Academia Brasileira, não o fez inadvertidamente.

Quando lhe propuzemos essa diretriz no caminho da simplificação, ás palavras desvaliosas de nossa proposição juntamos o apoio firme de autoridades indiscutíveis no assunto.

Presentes estavam á sessão dois illustres professores sergipanos e academicos dos mais lidos na materia : José Augusto e Santos Melo.

VI

E' virtude confessar que não sabemos, arri-mando-nos, por isso mesmo, em alheios conhecimentos.

Tão palmilhado, aliás, é o terreno dessas questões, que já se não logra percorrê-lo por estradas novas, ou desconhecidas.

Por onde quer que esmemos um rumo, ou calculemos uma diretriz, lá estarão os marcos de passagens anteriores, balisando todo o campo percorrido.

Eis porque ás mofinas alegações do nosso dizer fomos apontando, logo e logo, um documento de autoridade, a razão convincente dos mestres.

E como nos não seduz a riqueza que nos não pertence, a cada joia de que nos vimos servindo, para adereço a estes escritos, prestes lhe indicamos a fonte onde colhemos, o escritor onde a buscamos.

Tais as inumeraveis citações de autores de escól, lidos e relidos no assunto.

Ainda agora não deixaremos essa provida bagagem, que pode ser incomoda aos indigestos de vaidades, mas é e sempre será necessaria aos famintos de saber.

Que resulta, de feito, da inexistencia de uma *ortografia classica*, de um modelo comum, uniforme e escoreito, entre mestres tão sumos no dizer e tão minimos no escrever?

A tendencia natural da simplificação, regida por lei de evolução, a que não podem subtrair-se os fenomenos morfolojicos.

Simplificação que se opera lento e lento, no fundo e na forma, dando aos vocabulos feição nova, sentido novo, em perene permutação, mercê da qual as palavras «duma lingua mãe se transformam ao passar a uma lingua derivada».

Simplificação que até as necessidades da civilização impõem, tornando-se em uso generalizado a consagração que se torna lei, lei que se torna verdade *erga omnes*.

JOÃO RIBEIRO, que tem variado de opinião

no assunto, e disso é réu confesso, não vai muito longe que escrevera: «As complicações estão hoje desacreditadas. Ninguém ha que recuze o mais simples pelo gosto do que é complicado».

E foi na esteira destas idéas, simples e claras, que seguiram quantos, da cacografia reinante, recorreram para uma ortografia, que disciplinasse, sob regras accitaveis, o uso dos vocabulos.

Quer dizer que apenas se procurou estabelecer ordem, metodo, sistema, onde até então reinava a mais emaranhada confusão, com a «eterna conservação de barbaridades gráficas, monstros historicos e linguisticos, como *fructo* com *c*, *gotta* com dobrado *t* e outras palavras que gramaticos mal orientados desfiguraram com as suas fantasias etimolojicas». (MARIO BARRETO».)

Dentre escritores brasileiros do nosso tempo conhecedores seguros da lingua e habéis cinzeladores da frase, em primores de arte, citem-se alguns mais em voga.

UMBERTO DE CAMPOS, que escreve : «Dois milhões de portuguezes, isto é, os que sabem lêr e escrever, escrevem hoje uniformemente, obedecendo ao mesmo formulario sinjelo. Porque havemos nós, que não temos ligações tão estreitas com o passado da lingua, tomá-lo para pretexto da confusão que mantemos, e na qual não se encontrariam, em dez milhões de brasileiros, dois que escrevam quinze linhas de ditado sem duas divergencias, pelo menos, em cada linha?»

AFRANIO PEIXOTO, que diz :

«A escrita é o retrato da voz. Dizia Voltaire : quanto mais parecido melhor. Portanto, a simplificação tirando demasias, inter-

polações, complicações eruditas, deve ser um ideal. Ideal pedagogico, pois que é um martirio para as crianças aprenderem uma ortografia histórica, contraria á vida presente, rapida e precisa...»

AFFONSO CELSO, que anota :

«Obedece á regra do menor esforço, dominante em tudo. O peor governo é preferivel á falta de governo, até o despotismo á anarquia, porque esta significa o despotismo, anonimo, irresponsavel, multi-forme.

Ora, em ortografia, anarquico se oferece o espetaculo de nossa lingua, ha muito tempo, onde quer que a escrevam».

MEDEIROS DE ALBUQUERQUE, de quem se lê :

«Simplificar a ortografia é diminuir o curso primario de um a dois anos. E' estabelecer regras onde ha confusão e trapaalhada...»

E mais «A reforma da ortografia, no sentido da simplificação, importa abreviação consideravel da instrução primaria.

E' a poupança de um a dois anos de de estudos.

Por outro lado, essa mesma poupança se dá para os estrangeiros que desejam aprender a nossa lingua».

Com estes escritores, dos mais lidos e queridos na literatura brasileira e a quem se não pode attribuir desconheçam a sua lingua, as suas belezas, os seus segredos, esteve JOÃO RIBEIRO, cuja palavra autorizada se expressa :

«Escrever sem *grego* e sem *latim* é o *desideratum* da escola primaria, quer dizer, da instrução nacional.

Os milhões de homens que aprendem a ler não necessitam nem devem necessitar da erudição filologica mais adequada á preocupação dos eruditos.

O motivos de tradição e de habitos adquiridos são respeitaveis para os que se instruíram no antigo sistema, mas não podem pezar nas inteliencias infantis que tudo ignoram do antigo ou do novo».

Ora, é presumir imenso do valimento proprio averbar de improcedentes as razões que vêm de ser expostas.

A nós, cuja confessada ignorancia não humilha, antes realça a sinceridade de nossos propositos, é que razões outras e melhores não assistem para recusar essas lucidas opiniões, cuja autoridade se mede pelo grande e incontestado valor de quem as emite.

Academicos *merins*, os de Sergipe, não vai deslustre para eles que oiçam dos prohomens das letras nacionais o veredicto tomado em assuntos de linguagem.

Se algum, dentre nós, porem, mais douto se julga, que possa convencer de erronias e disparates aos da *Academia Brasileira*, certo a autoria não nos cabe em tão soberba arremetida.

VII

A conveniencia de se assentarem as bases de uma reforma ortografica, que trouxesse um pouco de ordem ao caos generalizado de Brasil a Portugal, avultava, assim, num crescendo.

JOSE' VERISSIMO perguntava : «Esta nossa

pobre lingua portugueza não tem dois escritores — leiam bem, dois escritores — que tenham a mesma ortografia.

Haverá outra lingua que se preza de ser culta e que se ache nas mesmas circunstancias? Duvidamos».

Estabelecia-se, destarte, entre os proceres das letras, por manifestações tão explicitas e reiteiradas, a corrente definidôra das tendencias de simplificação.

O evolucionismo morfologico, de si mesmo tardado e incompleto, recebia, pelo consenso de escritores de nota, um impulso decisivo e construtor.

Estava a *Academia Brasileira* sob a presidencia insigne de MACHADO DE ASSIS, o purista de fino gosto, para quem a fraze, de cotio entrajada no mais limpido vernaculo, merecia sempre o apuro mais cuidado, de beleza, vigor e simplicidade.

Fez-se, então, a primeira reforma ortografica, publicada por MACHADO, a 17 de agosto de 1907. Foram doze regras, afóra breves corolarios e notas explicativas.

Este primeiro passo não logrou, entretanto, fixar-se definitivamente. Os maroiços da opinião discordante empinaram o colo e não houve resistencia bastãnte para domina-los.

Por isso, ou por aquilo, a verdade é que em 1911 o edito academico se reabria em nova discussão perante a Academia.

E do renhir dessa nova peleja resultou a organização de dez regras ortograficas, catando respeito, «quanto possivel, a redacção primitiva das *Regras geraes* adoptadas e divulgadas em 1907».

Da reforma de 1911 são de salientar, na distribuição da materia, «regras de simplificação, regras de suppressão, regras de reduccão de grupos de

letras, regras de uniformidade», cedendo tudo ao plano geral de 1907.

As criticas não serenaram, entretanto. Ora por simples reverencia á tradição (neste ponto mera ficção); ora por preguiça mental, mui condizente com velhos habitos irrefletidos; vezes por tendencia inata a certos espiritos, que nada constróem, mas estão sempre de clava demolitória; vezes ainda por amor a uma popularidade barata, de artificios jornalisticos; o fato é que as arremetidas não cessaram. Insensivelmente, porem, dos pontos aceitos nessas reformas alguns se foram firmando e generalizando entre os homens de letras. E tais conquistas já serviam bastante de coroamento a tão uteis e vitoriosas tentativas.

Em 1926 volta o sodalicio a rever a debatida questão.

E desta vez é a aprovação do *Formulario orthographico* do nosso eminente patricio Dr. LAUDELI-NO FREIRE, o qual se distribue por cincoenta e quatro regras.

Nesse formulario se mantiveram, na quasi maioria, as regras já aceitas nas reformas anteriores e se desatavam os nós a outras dificuldades emergentes.

Tratando, entretanto, de conciliar pontos dissonos entre as objeções, que até então se levantavam contra uma, ou outra, das reformas, as duvidas persistiram entre os seus partidarios.

Foi, então, que, em sessão de 21 de novembro de 1929, a *Academia* deliberou constituir novas regras sobre a — *ortografia da lingua portugueza, falada no Brasil*, e a cuja elaboração deram largo contingente de saber, de logica, de bôa vontade, conspiciosos membros desse sodalicio.

MEDEIROS DE ALBUQUERQUE, que apresentara a primeira reforma de 1907 e que sempre

estivera na primeira plana nos debates da questão, faz sobre o veredicto de 1929 estas considerações :

«Depois de 22 anos de experiências, depois que a sua iniciativa forçou a de Portugal, depois que tentaram em vão outros remedios, ela resolveu voltar á sua primitiva reforma. Não é uma revolução ; é uma resurreição. Volta a MACHADO DE ASSIS, volta a HERACLITO GRAÇA e tem a felicidade de contar de novo com um dos primeiros votantes de sua reforma que é o nosso maior filologo : JOÃO RIBEIRO».

E este insigne filologo, votante da reforma de 1907, sufragante ainda em 1929, é quem diz :

«Quando, porém, se saiba, que o que ela votou foi a volta á sua primitiva reforma de 1907, ver-se-á que ela mudou... para ficar firme».

Ora, estavam as coisas neste pé quando a *Academia Sergipana* houve por bem de seguir as pegadas da *Academia Brasileira*, cenaculo das grandes letras nacionais.

E ao tomarmos tal deliberação, sem assomos de vaidade, que não temos e não podíamos ter, senão com elevação de vistas para quem de tão a cavaleiro pode jurisdizer nestes assuntos, foram estas as nossas palavras : — Dir-se-á, porem, que na propria Academia Brasileira ainda não serenaram os animos, não ha um veredicto definitivo, irrevogavel.

Ora, não curemos disso.

Se a reforma é boa, se a simplificação é necessaria, adotemo-la sem tardança.

Os que a fizeram hão de solver, mais tarde, pequenas divergencias em pormenores, que não devem influir no plano da construcção.